

ELLO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — Lisboa
Director Interino: António G. Calvino

Composição e impressão:
TIP. ESCOLA DA A. D. F. A.
Rua de Artilharia Um — LISBOA

EDITORIAL

A Sociedade capitalista em que nascemos e crescemos, fonte inesgotável de privilégios para burgueses parasitas, assentava os seus pilares nos princípios da alinação das pessoas. Eliminar as benesses e privilégios que esses pilares sustentavam é tarefa revolucionária; substituir os próprios pilares do edifício burguês continua a ser tarefa revolucionária; escavar os alicerces e ir até à rocha firme, até aos profundos anseios de um povo, até aos verdadeiros princípios norteadores da plena reacção humana é a maior tarefa revolucionária. O pensamento consciente é revolucionário, é a escavadora dos alicerces, até encontrar a firme determinação capaz de aguentar o peso das colunas do futuro.

As chamadas revoluções da história perderam-se na acérrima luta da disputa do poder, relegando para segundo plano o fundamental papel das revoluções: a libertação das pessoas. A história é já longa e o ritmo revolucionário não lhe tem correspondido em proporção. Sempre os oportunistas sedentos de poder aproveitaram as ocasiões para o assumirem e em seguida oprimirem e refrearem os anseios de libertação do povo dominado.

Vivemos, em Portugal, um importante momento de opção: ou, à boa maneira tradicional, nos entregamos nas mãos de forças constituídas prontas a dominar-nos, ou vencemos esses obstáculos oportunistas e continuamos numa caminhada irreversível até que Poder e Povo possam ser uma mesma coisa. A primeira opção poderá seduzir os fracos e os medrosos, a segunda é a que já foi tomada pelas massas trabalhadoras deste país e que é de facto já irreversível.

As pessoas portadoras de deficiências, afastadas do trabalho e objectivo de discriminação e marginalização na convivência social, constituíam um pilar importante para suporte do edifício fascista, porque a forma como eram tratadas constituía uma forma de alinação, transformando seres humanos em objectos curvados dependentes das migalhas dos senhores burgueses. A tomada de consciência desta realidade é, em si, o importante e decisivo passo para a determinação revolucionária, para a luta de libertação. A consciencialização jamais poderá deixar de ser o ponto de partida para a eficaz participação. A Associação dos Deficientes das Forças Armadas, encarou, desde a sua formação, a forma perfeita deste processo, apresentando-se duma solidez e coerência de princípios que lhe permitirá que a sua participação no processo de libertação dos De-

(Continua na pág. 2)

«O POVO É QUEM MAIS ORDENA»

Assistimos neste momento a um desanuviamento da tensão política que envolveu Portugal nestes últimos dias e que teve como principais causas o problema do jor-

MFA, assumindo características de movimento de libertação, caminha a passos largos para uma completa e autêntica união com a classe trabalhadora. Porém, as cúpulas

tégias para contra atacar. Perante tudo isto perguntamos: para quem a constituinte? Para quem colocar nas mãos da Social Democracia um trunfo, que lhes irá enriquecer os muitos que já trazem na manga.

Se vivemos um período revolucionário... será uma contradição condicionarmos o avanço revolucionário com trabalhos de gabinete que, não só mobilizarão um sem número de pessoas para tarefas nada revolucionárias, como também serão condicionadas as lutas dos trabalhadores que concentrarão as suas atenções em trabalhos de gabinete. A Revolução Socialista conduz a uma República Socialista. Se vamos ter uma República Socialista é evidente que não serão forças defensoras da burguesia que estarão empenhadas numa constituição Socialista.

A batalha da produção terá que passar por um trabalho a todos os níveis e o trabalho que os Srs. deputados vão desenvolver na constituinte (mesmo com o pacto) não nos parece um trabalho produtivo... quanto mais revolucionário. E perguntamos: Quanto vai ganhar um Sr. Deputado? Quanto produz esse Sr. Deputado? Quanto consome esse Sr. Deputado? Se temos um Movimento das Forças Armadas ligado às bases; se des-

(Continua na pág. 2)



Que não se esqueçam alguns «Srs.» Deputados que o parágrafo único do Programa do M. F. A. diz: «O POVO É QUEM MAIS ORDENA» E MUITOS ESTÃO LÁ... MAS NÃO SÃO POVO.

nal da República e a actuação do M.R.P.P.

É evidente que esse desanuviamento não deve ser considerado como um facto consumado nem encarado de ânimo leve, relegando para trás das costas, à velha maneira portuguesa que nestas circunstâncias diria: «O que lá vai lá vai» «ou até que enfim...»

É imperioso que nos capacitemos de que a crise que agora se desanuviava (?), pode inromper mais agudizada tempos depois (talvez no início dos trabalhos da constituinte) e que, então, a burguesia, muito melhor organizada, venha tirar partido da sua melhor representatividade nessa assembleia.

As tarefas concretas e consequentes para o Socialismo vão e felizmente no bom caminho. O

de alguns partidos ditos Socialistas parecem apostados no desvirtuamento dessa realidade e, se bem que aparentemente possam ceder no momento presente, mais não fazem do que ganhar tempo e organizar novos métodos ou estra-

A ADFA ACUSA MILITANTES DO M.R.P.P.

Transcrevemos seguidamente na íntegra um comunicado elaborado pela nossa Associação e enviado para divulgação a alguns órgãos de informação em face dos espancamentos feitos a um Deficiente das Forças Armadas e nosso associado por militantes do M. R. P. P.

Uma das grandes preocupações da nossa Associação foi, desde os primeiros dias, promover um trabalho de Esclarecimento, Político que motivasse as vítimas directas das Guerras Coloniais para a participação no processo revolucionário.

Elucidando sobre as possíveis tentativas de aliciamento por parte

de grupos reaccionários — pois tínhamos consciência de que eram os Def. das F.A. um campo fértil de recrutamento tal como o eram as tropas especiais: Comandos... Paraquedistas e Fuzileiros.

Podemos afirmar que conseguimos nesse campo um trabalho positivo quase a 100%.

Através de um trabalho constante de vigilância criada, temos conhecimento de que alguns camaradas têm vindo a ser contactados e aliciados por organizações reaccionárias.

O nosso camarada e associado Maximino dos Santos deslocou-se à nossa Associação para levantar o seu cartão de sócio.

Fomos então informados de que

(Continua na pág. 2)

OIÇA ÀS 4.^{as} FEIRAS
ENTRE AS 12,30 E AS 13 H.
O PROGRAMA DE RÁDIO
DA ADFA — NA
EMISSORA NACIONAL
Tempo cedido pela
5.^a DIV. do E. MG. F.A.

Povo e Política

(Continuação da pág. 1)

sa simbiose resulta a expressão mais sensível dum Povo que se quer libertar da exploração! Avançamos na revolução Socialista e façamos nós Povo civil e armado a nossa constituição escrita no trabalho produtivo e conseqüente e que os 250 deputados (os aproveitáveis) sejam canalizados para junto das populações promovendo trabalho de orientação técnica e laboral.

A crise que agora se desanuvia não surgiu por acaso. Ela é conseqüência directa dos resultados eleitorais.

Urge que nos capacitemos de que em política nada acontece por acaso. A entidade patronal do jornal República, não teria demagogicamente explorado a situação se não tivesse na mesa da sua Secretária os resultados das últimas eleições. Apenas se enganou essa entidade patronal no que respeita à realidade desses números. É que a maioria que constitui os números dessas listas são trabalhadores e o seu voto foi um voto de quem quer o Socialismo sem patrões. É que a maioria desse eleitorado não são loiras sofisticadas ou defensores da Social Democracia capitalista que demagogicamente se transformam em meninos rabinos ou reguilhas que descurando toda a idoneidade moral, recordando talvez os bons tempos passados em terras de França, pretendem arrastar consigo todo um povo na defesa dos seus caprichos burgueses.

Queremos daqui responder a um camarada que nos dizia em carta não estar satisfeito com o nosso artigo de fundo do ELO N.º 9 «SOCIALISMO PARIDO EM ELEIÇÕES E ABORTO».

Para ti camarada e para quantos nos não escreveram mas que possam ver nessas linhas laivos de qualquer partidário informamos que somos partidários da Revolução Socialista, que não estamos enfeudados a partido político algum, que a nossa linha apartidária nos leva a fazer com coerência, doa a quem doer, as análises que entendemos convenientes para que a emancipação do Povo Português seja realidade.

Reparem camaradas que se o MFA trabalha para uma união apartidária com o Povo trabalhador, se alguns partidos ditos Socialistas se declaram contra o MFA, amigo, algo aqui está errado e decerto que não é o MFA, se o MFA, fizesse uma união com a burguesia e desprezasse os trabalhadores, nós seríamos os primeiros a criticar o próprio MFA., repara no início deste artigo que construtivamente o criticamos quando nos debruçamos sobre a Constituinte. Apartidários seremos, no entanto revolucionariamente não podemos ficar impávidos e serenos quando a cúpula de um partido (repara é a cúpula não são as bases, não és tu) se colocam declaradamente na oposição e tentam dividir a classe trabalhadora.

As cúpulas deverão transpirar o mesmo suor das bases... se o não transpiram é porque as não representam dignamente.

POLÍTICOS IMPOLÍTICOS E APOLÍTICOS

A transformação do sentido das palavras por prefixos assemelha-se a um enxerto. Aproveita-se a seiva, a força, a raiz e transformam-se os

frutos, contudo eles serão sempre conseqüência natural do potencial de origem.

Todos nós temos presentes as formas utilizadas pelo fascismo para nos manter no mais refinado obscurantismo político. Tudo quanto de desgraça acontecia a um pobre era atribuído a um acaso de azar, partida do diabo ou fúria de DEUS. Se nas montanhas de Trás-os-Montes ou nas campinas do Alentejo, morria uma criança por falta de assistência no parto, não se tratava de um problema político... era um azar.

Se o filho do Sr. Morgado, latifundiário, nascia forte e robusto com 2 ou 3 médicos e parteiras a assistir a mamã, o povo dizia: que sorte teve a D.ª «qualquer coisa», isso também não era um problema político... era sorte. Se um filho dum camponês roubava para comer, bolotas ou castanhas, ia para o posto e levava tareia... era azar. E o filho do capitalista roubava um automóvel e não ia preso... era sorte.

No caso concreto da guerra colonial, problema carregado de política era pelo povo comentado com um conformismo terrível. Se o filho ia para a guerra era azar mas se tinha uma cunha e não ia já era sorte. Se morria na guerra era a maldita vontade de Deus... mas lá vinha a voz misericordiosa das vizinhas: deixe lá ainda foi uma sorte, pior seria se viesse aleijadinho. Mas se vinha aleijadinho invertiam-se os termos: antes assim do que ficar por lá morto.

Era todo um sistema de ódio, este o de acorrentar as pessoas condicionando-as à sua terrível condição de submissão humana, negando-lhes a cultura que permitisse analisar todos os seus sofrimentos politicamente. Não, o Povo tinha que aprender o mais depressa possível a dizer: «É o destino... É a vontade de Deus... foi sorte... foi azar... podia ter sido pior... etc. etc.» Era a negação completa da prática da política.

Hoje, um ano volvido sobre o 25 de Abril, as massas trabalhadoras perderam o medo da palavra «política» porque a compreenderam na acção. Hoje o trabalhador ao rasgar a terra com o arado, ao trabalhar com uma máquina ou quando pega numa foice, é já um homem político, são políticas as suas acções, são políticos os seus instrumentos de trabalho. Ele, trabalhador, ao tomar consciência de que política são todas as suas acções... e que, ele, trabalhador, já não é o prolongamento do seu instrumento de trabalho, está forçosamente consciente das responsabilidades que lhe cabem no control dos meios de produção porque a terra que semeia, a fábrica onde trabalha, já não é um local onde é escravizado e explorado. É um sentir diferente, esse o de sabermos que algo está sendo criado directamente do povo para o povo... são talvez os primeiros laivos da felicidade de se ser livre!

Em 25 de Abril a palavra política libertou-se dos gabinetes alcantifados onde estava cativa e foi para junto do Povo e aí, ela assumiu a sua expressão de força autêntica.

Foi uma conquista que jamais poderá perder-se e que tem que ser colocada contra qualquer manobra partidária, venha ela donde vier e que, tendenciosamente, pretenda dividir a classe trabalhadora.

Comunicado

A ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS, constituída por milhares de vítimas do fascismo e do capital, neste momento em que o MFA decide finalmente ligar-se às massas populares, pondo ponto final nas lutas partidárias que mais não têm feito que confundir e dividir o POVO PORTUGUÊS, reitera todo o seu apoio e confiança ao MOVIMENTO DOS CAPITÃES na continuação do processo de total fusão do POVO - MFA, de molde a que o POVO, porque os militares progressistas também são do povo, libertado das garras do capital, sejam,

em si, o próprio motor da sua auto-libertação.

A revolução que iniciámos em 25 de ABRIL com o derrube do fascismo não será, porque não o permitiremos, jamais travada por novas forças oportunistas que sempre aguardaram a sua vez de dominar.

As massas trabalhadoras na sua indestrutível aliança com o MFA saberão vencer todos os obstáculos até à vitória final.

A REVOLUÇÃO SOCIALISTA VENCERÁ

Lisboa, 28 de Maio de 1975
A DIRECÇÃO

A ADFA ACUSA

(Continuação da pág. 1)

o mesmo tinha sido contactado e aliciado para pertencer a uma organização reaccionária e que ele renunciou.

Em face desta informação convidamos o nosso camarada a prestar declarações às Forças Armadas, ao que este acedeu.

Tendo conhecimento pela imprensa de que o nosso camarada MAXIMINO DOS SANTOS FORA PRESO e BARBARAMENTE ESPANCADO E TORTURADO PELO MRPP e considerando que desde o passado dia 17 este Movimento se vem, manifestamente revelando contrário ao avanço do Processo Revolucionário e consi-

derando ainda que a atitude tomada pelo MRPP de tortura do nosso camarada se reveste de características de puro Banditismo e atentatórias à Liberdade para com um homem que prestou um valioso serviço à Revolução Portuguesa.

A ADFA — repudia energeticamente tal acção que só pode servir a reacção e apela para o Conselho da Revolução para que sejam tomadas medidas enérgicas e revolucionárias contra esse grupelho que dizendo representar a classe trabalhadora, não tem vindo senão a colaborar com a reacção na tentativa de entrar o processo Revolucionário Português rumo ao Socialismo.

«ENSINA-ME A PESCAR» EDITORIAL

(Continuação da pág. 6)

— Poucas coisas haverá que mais entristecem do que ver começar cada ano com a sala cheia de gente e ir notando o seu desaparecimento progressivo, dia após dia, ao longo de um ano em que, por minha parte, mantenho toda uma actividade que procuro não deixar aqueles a quem comecei a «ensinar a pescar».

— Ao longo de todo o tempo que passei a escrever-vos estas linhas, tenho procurado não ser duro com aqueles que foram ficando para trás, ainda que, por outro lado, me esteja a invadir o receio de parecer piegas. Não era isso que queria.

— Tereis pois que aceitar que vos ponha perante um dilema, considerando o facto de que sempre tereis que aprender qualquer coisa na vida, porque tudo se aprende. Eis o dilema: Quereis afinal «aprender a pescar» por vós próprios, ou quereis que passem a vida toda a «dar-vos peixe»?

— Contaí com o meu apoio, mas a decisão tem que ser vossa.

— Quem me dera que as minhas palavras não caíssem como diz o Povo em SACO ROTO.

Dias Miranda

(Continuação da pág. 1)

ficientes das guilhetas, da submissão e alinação será tão eficaz como autêntica.

Os homens nascem todos iguais e a libertação total só será atingida quando for readquirida a igualdade total, independentemente de ser do campo ou da cidade, doente ou saudável, deficiente ou não deficiente. Só quando a total igualdade de direitos e deveres for estabelecida, só quando os considerados fortes deixarem de se aproveitar das fraquezas dos considerados fracos para aumentar a sua força, só quando os homens forem obrigados a deixar de utilizar as oportunistas formas de domínio, só então teremos a sociedade socialista que agora, em comum, estamos construindo.

A luta dos trabalhadores é uma luta comum contra a exploração. Não se compreende que haja várias frentes de luta da classe trabalhadora, completamente desengradadas e por conseguinte mais vulneráveis. Se o inimigo é comum, se o objectivo é comum, se só uni-

dos venceremos, vamos todos unirmos e lutar nessa frente comum, conscientes de que as cúpulas não representativas da classe que somos serão ultrapassadas e o parágrafo único do programa do MFA há-de sobrepor-se a todos os contra-golpes e a todas as crises.

Aspectos Psicológicos e Sociológicos na Integração Comunitária do Deficiente

(Continuação do número anterior)

Em Portugal, nem tão pouco isto sucedeu. O nada que se fez não se deve apenas à política negativa do governo fascista, mas também às próprias organizações paternalistas e a indivíduos arvorados em benfeitores que, não conhecedores da problemática dos deficientes, nunca se preocuparam em auscultar a opinião dos verdadeiros interessados.

Além disso, as poucas associações de deficientes, que foram permitidas antes do 25 de Abril tinham apenas carácter clubista sem procurarem defender os interesses daqueles que diziam representar.

E assim se justifica a situação actual dos deficientes no nosso país. É das pequenas coisas que se podem tirar grandes conclusões: por exemplo, a estação do Parque do Metropolitano de Lisboa foi construída só para pessoas que pudessem utilizar escadas rolantes. Barreiras arquitectónicas análogas se encontram em edifícios de utilidade pública, usando-se e abusando-se de escadas em detrimento dos elevadores. Se isto é grave em edifícios públicos, mais grave se torna na habitação, onde, por vezes se chega ao cúmulo de o elevador — quando existe — estar separado da rua por um lance de escadas. No meio rural, mais notória se torna a influência funesta das péssimas características habitacionais e dos meios de acesso da vida quotidiana do deficiente.

Logicamente um paraplégico ou tetraplégico que habite nessas condições precisará de pelo menos duas pessoas para sair, o que implica a sua dependência permanente que poderá levar ao enclausuramento involuntário como um consequente trauma psicológico.

Analisando agora a situação do deficiente no seio da família podemos constatar várias atitudes desta, motivadas, quer por pressões sociais relacionadas com tipo de sociedade, educação, mentalização e nível cultural, quer por reacção de desadaptação do próprio deficiente, e que podem revestir-se de vários aspectos: superprotecção, quando o deficiente é visto como um ser desamparado e carente de cuidados especiais ou quando os familiares experimentam um sentimento de culpa em relação à deficiência, tratando-se em qualquer dos casos numa tentativa inconsciente de compensação; rejeição, quando o deficiente é considerado um estorvo, podendo esta atitude ser mais ou menos camuflada, provocada pela obrigação moral que os familiares sentem em mantê-lo. Estas duas atitudes têm em comum um aspecto negativo que é a condução à perda da auto-confiança por parte do deficiente tornando-se mais acentuado e mais grave quando se trata de crianças.

Há ainda, embora mais raramente, outras duas atitudes que a família poderá assumir: manter um comportamento normal para com ele, contribuindo positivamente para a sua reabilitação e integração social, ou aproveitar-se da sua diminuição para angariar meios fáceis de subsistência pela prática da mendicância, chegando mesmo ao extremo de provocar deformações nos filhos com essa finalidade. Este último aspecto surge principalmente no nível social mais baixo em que a informação e a higiene têm difícil acesso. É

nestas condições que se originam grande parte das deficiências congénitas ou adquiridas na primeira idade. Essa falta de informação também se verifica ao nível do operariado que, ao lutar contra a exploração de que é vítima, se preocupa quase exclusivamente em reivindicar aumento de salários descurando melhorias de condições de trabalho a que têm direito, com vista à prevenção do acidente.

Além da prevenção do acidente no local do trabalho, muitas deficiências se poderiam evitar ou atenuar nos próprios serviços hospitalares. Para ilustrar poderíamos citar vários casos concretos de que temos conhecimento, como seja o de uma amputação dum membro inferior feito ao nível do joelho, com deslocamento da rótula, como se fazia antigamente para aplicação da «perna de pau». Assim para aplicação conveniente de uma prótese, houve a necessidade posterior de nova intervenção cirúrgica, agora para amputação ao nível da coxa, quando de início poderia ter sido feita ao nível da perna, atenuando nesse modo, pela conservação do joelho, a deficiência.

Falando ainda na assistência hospitalar não queremos deixar de referir um aspecto que nos parece muito importante e que geralmente é descurado pelas entidades responsáveis, orientadas apenas no sentido da cura física.

Trata-se do abandono psicológico a que o doente é votado durante o seu restabelecimento, o que irá dificultar a sua posterior reabilitação e reintegração social, profissional e familiar.

A CAMINHO DA INTEGRAÇÃO

Apesar de tudo quanto atrás se disse existem em Portugal deficientes reabilitados e integrados na sociedade, devendo-se isso unicamente ao seu próprio mérito e força de vontade indispensáveis à transposição das barreiras que a sociedade lhes põs no caminho. Contudo, é absolutamente necessário que se criem estruturas que conduzam à real integração comunitária de todos os deficientes. Cremos que o arranque para a integração deve começar com a reabilitação física ou mesmo ainda antes desta.

Incorre-se num grave erro quando se divide todo este trabalho em sectores estanques. Pelo contrário, deverá ser atribuído a uma equipa polidisciplinar constituída por fisioterapeutas orientados em neuro-ortopedia, corpo de enfermagem orientado em várias formas de actividades terapêuticas, fisioterapeutas com conhecimentos de neuropatologia, mio - electromecânicos para assistir o paciente com ortoses bio-eléctricas, técnicas de recuperação da fala, cirurgias neuro-ortopédicas e psicólogos que compilarão todas as informações dos outros membros da equipa e promoverão a reabilitação psicológica do paciente. Torna-se ainda imprescindível a participação na equipa de assistentes sociais de conselheiros vocacionais devidamente habilitados para integrar o doente na comunidade. Quando acima referimos que a integração mesmo antes da reabilitação física, pretendíamos dar relevo ao trabalho a desenvolver pelo psicólogo nomeadamente no que diz respeito à eliminação do medo característico no indivíduo

que contrai uma deficiência. Os restantes membros da equipa deverão, nos seus contactos com o deficiente, levar em consideração as condições psicológicas em que este se encontra devendo para o efeito, receber instruções do psicólogo.

Esta reabilitação psicológica, acompanhada de reabilitação e treino físico adequados, irá dar a uma certa autoconfiança no doente e consciencializá-lo das suas reais limitações e possibilidades. Embora todas as pessoas tenham um determinado padrão de vida, a referida autoavaliação pode ser influenciada por outras pessoas, pelas suas atitudes e comportamento. Iguamente a satisfação do deficiente para consigo próprio e sua vida, está ligada ao seu valor da sua actividade e depende muito do modo como em relação a isso o meio circundante se manifesta; no entanto, os deficientes não interpretam todos do mesmo modo as atitudes que as pessoas não deficientes têm em relação a eles. Essa diferença de aceitação verificou-se por exemplo entre rapazes e raparigas numa pesquisa efectuada num grupo de cinquenta deficientes físicos:

	Amizade	Piedade	Compaixão	Curiosidade
Rapazes	60,1%	17,4%	43,4%	26,1%
Raparigas	33,3%	33,3%	51,9%	44,5%

Porém, pesquisa análoga, realizada com jovens frequentando escolas vocacionais, teve resultados totalmente diferentes, verificando-se também que em 53% dos casos, aquelas atitudes eram consideradas positivas. Observando estes dados podemos inferir que a natureza psíquica de cada indivíduo faz variar a óptica segundo a qual o mesmo interpreta o meio circundante, (repare-se nas diferentes respostas dos rapazes e das raparigas, no primeiro inquérito), podendo variar ainda com o «tratamento» psicológico a que os mesmos possam ser submetidos - como mostram as diferenças verificadas entre os dois inquéritos referidos.

Vemos assim que a responsabilidade da equipa médica e paramédica, tal como dos organismos correlativos, não se deve limitar estritamente ao aspecto curativo. Deve antes estender-se, numa primeira fase aos aspectos físicos e psicológico, continuando neste último mesmo depois do restabelecimento físico, e até que o doente seja posto em condições de viver e trabalhar com qualquer insuficiência de que seja portador e possa finalmente reentrar na comunidade como membro activo desta. É de referir ainda que todo o trabalho de orientação deve ter em conta a extensão da deficiência (quer seja física, intelectual, psicopática ou do carácter), o quociente de inteligência, e a personalidade do indivíduo e também as condições socio-culturais do meio circundante. Para não favorecer a acomodação do indivíduo a uma situação de lazer, deve processar-se, sempre que possível, a adaptação ou readaptação profissional juntamente com o tratamento médico. Muitas vezes a desabilitação do trabalho também é provocada pela concessão de pensões que nessa altura deixam de ter um carácter meramente auxiliar para se tornarem vício único de subsistência.

J. Silva Furtado
M. Bertina Neves
Ana Bela Vieira

Na integração social, real e efectiva tem um aspecto preponderante, além do trabalho como início da realização do homem, a prática desportiva. É do conhecimento geral a influência benéfica que o desporto exerce sobre o indivíduo, não só pela acção mostra, mas também e principalmente como elemento de formação da personalidade, verificando-se actualmente a nível mundial uma evolução caracterizada pela perda do seu carácter competitivo tradicional. Defendemos assim que se criem estruturas que facilitem aos deficientes a prática desportiva.

Se atentarmos a que grande parte das deficiências em Portugal seriam evitáveis com uma competente prevenção da doença e do acidente, verificamos que este aspecto da medicina nos deve merecer especial atenção. Por exemplo grande parte das doenças hereditárias e congénitas poderiam ser evitadas por meio de esclarecimento sanitário e consciencialização das populações, conjuntamente

com a legalização do aborto terapêutico. Não queremos deixar escapar um pormenor que revela o descuramento a que esta questão sempre foi votada: é o facto de para se tratar de assuntos de cunho oficial-casamento inclusivamente, serem necessários bastantes dados pessoais de carácter quase exclusivamente burocrático, com alheamento de dados clínicos indispensáveis, como grupo sanguíneo, factor rh, vacinas recebidas, doenças contraídas e imunidades.

Parte das doenças e deficiências adquiridas também seriam evitadas com a criação de condições de higiene e prevenção do acidente quer no local de trabalho, quer nos meios de transporte ou até mesmo nos centros de diversões.

A medicina está actualmente a perder o seu tradicional carácter curativo para dar lugar a uma medicina renovada que visa essencialmente o bem-estar, revestindo-se de três aspectos fundamentais: curativo, preventivo e social.

Por outro lado a O.M.S. define saúde como o «estado de bem-estar total corporal, psíquico e social». No campo social e âmbito restrito da integração comunitária do deficiente temos de partir do zero. Essa integração só se conseguirá efectiva com uma modificação das estruturas sociais actuais que leve à construção de uma sociedade justa em que a igualdade entre os homens seja uma realidade.

Achando que as soluções deverão partir das bases e serem encontradas por toda a comunidade com o devido relevo para os próprios deficientes - que devem urgentemente organizar-se - não pretendemos com este trabalho apresentar um caminho rígido para solucionar os seus problemas. Foi nossa intenção sim apresentar algumas reflexões que nos pareceram prementes no momento de reconstrução nacional que vivemos.

ESPERANÇA DE ABRIL

Vivemos na esperança
De um ressuscitar
A paz e a liberdade
Que o MFA nos quer dar

É a esperança furtiva
De um dia grandioso
Até gritarmos todos: VIVA!!!!
Ao Portugal que é nosso

É o dia solarento
Dia bastante febril
É o rebento
Da nossa esperança de Abril

Rebento de grandes folhas
O rebento da liberdade
É a grande alegria
Do espírito da nossa mocidade

Fez um ano agora
Que um cravo rompeu
Neste rico Portugal
A que pertença eu

Rompeu vivo e rubro
O cravo da euforia
A flor de Abril
Nascida em pleno Dia

No horizonte do Sol
Ao tocar a alvorada
Viremos todos de mãos dadas
Viver a liberdade dada

Teremos os braços bem unidos
Para triunfo duma Nação
Caminharemos despavoridos
E gritaremos Não à Reacção!

Unidos venceremos
Esta batalha fatal
E mais tarde todos diremos
É nosso Portugal.

Isabel Maria Pinto

ARITMOGRAMA

Soluções do Problema n.º 11

Horizontais:

$$8 \times 2 + 1 = 17$$

$$2 : 1 + 1 = 2$$

$$5 + 3 - 1 = 7$$

Verticais:

$$8 + 2 + 5 = 15$$

$$2 \times 1 + 3 = 5$$

$$1 + 1 - 1 = 1$$

7	×		+		=30
+		×		+	
	:		+		=15
+		+		-	
	+		-		=5
=14		=13		=6	

PEDRO



AMEAÇA FASCISTA

O Fascismo ainda está, algum de pé
Procurando, p'ró ataque uma aberta
Não vencem nem mesmo à falsa fé
Porque o povo está com olhos bem alerta

Já se deram dois ataques até ver
Parece-me que já chega de ameaça
P'ra que não volte isto acontecer
Teremos que acabar com tal raça

Bem unidos e todos aliados
Para bem do povo e da nação
Só podemos estar todos descansados
Quando todos estiverem na prisão

Nenhum deles deveria ser poupado
Olhando bem o risco que se corre
E até porque lá diz o ditado
Quem poupa o inimigo, às mãos lhe morre.

José Lázaro Cravide

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 12

HORIZONTAIS

1 - Mastiga; Embaciara; Fruta do conde. 2 - Traves que formam o leito das pontes; Redes de arrastar. 3 - Aquele que entre os Alentejanos instiga outro à briga; Casa; Delicado. 4 - Larva que se cria nas feridas dos animais; Doctar; Governanta. 5 - Nome de letra; Espécie de barrelas para tirar manchas de gordura; Idade. 6 - Símbolo químico da Prata (inv); antiga nota musical (SOL); Tatu; Letra Grega (inv). 7 - Com destino a; Inchaços nas serosidades da pele. 8 - Resiste; Joeira; Com asas. 9 - Preposição; Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente; Enguia; Campeão. 10 - De modo nenhum; ovário dos peixes; Nome Feminino; Viscera dupla. 11 - Queime; Árvore leguminosa conhecida por Árvore da Judeia; Composição de palavras que exprime a idéia de méso (grego).

VERTICAIS

1 - Mulher pequena; Muçulmana. 2 - Cabo para içar ou arriar as vergas da gávea; Aves pernaltas. 3 - Ciência da Moral; Utensílio doméstico; Pronome pessoal. 4 - Eleva; mudo. 5 - Nome feminino; Porco pequeno (prov). 6 - Espécie de Tumor que ataca o Gado; Glória; Nome masculino. 7 - Lodo; Tumores hemorróidais. 8 - Propício; Letra Grega. 9 - Lufada de ar; Grito de dôr. 10 - Garbo; porção de tabaco para cheirar; Abalada. 11 - Chefe etiope; fruto apocárpico; 12 - Pronome pessoal; Liso. 13 - Certas doenças nos cereais; Pura; nota musical. 14 - Insectos dipteros da família dos Tabánidas; entregais. 15 - Guarnece de asas; Fenómeno fisiológico que se manifesta por uma turgescência dos órgãos genésicos.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2							D		F						
3							A			F					
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 11

Horizontais:

1 - Asa; Pérolas; Eta. 2 - Catara; Primor. 3 - Abalo; Ran; Acaba. 4 - III; Tirol; Ano. 5 - Pos; Sucatas; Aga. 6 - Es; Buda; Arum; Af. 7 - Ereio; Trapos. 8 - Ileos; Ara; Ritas. 9 - Ge; Atino; Dea; Ut. 10 - Amo; ELO; Eis; Ira. 11 - Raul; Asila; Alar.

Verticais:

1 - Aca; Peligar. 2 - Sábios; Lema. 3 - Atais; EE; Ou. 4 - Ali; Broa. 5 - Pró; Sueste. 6 - Ea; Tudo; Ila. 7 - Rica; Anos. 8 - Ocara; Tro. 10 - Ap; Lara; Dia. 11 - SRA; Supres. 12 - Ica; Moia. 13 - Imana; St; Il. 14 - Toboga; aura. 15 - Ara; Afastar.

Publicações

Recebemos na nossa Redacção as seguintes publicações:

UNIDADE:

Órgão Central do MDP/CDE

FRONTEIRA:

Órgão da LUAR

LOTTA CONTINUA:

Órgão da Imprensa Italiana

JÉUNE GARDE:

Órgão do Comité Internacional de Liaison

EL COMBATENTE:

Órgão do PRT (Argentina)

LA AMORA:

Órgão do Partido Obreiro Revolucionário Espanhol

ALAVANCA:

Órgão da INTERSINDICAL

REVOLUÇÃO:

Órgão do PRP-BR

BAIRRADA LIVRE

Órgão informativo de Oliveira do Bairro

Aqui fica o nosso agradecimento e saudações revolucionárias.

O que é a política?

(contin. da pág. 6)

que no fundo é ele que comanda o poder político e o poder ideológico.

No regime que durou até ao dia 25 de Abril estes três poderes estavam nas mãos dos fascistas. Hoje a situação é diferente, os fascistas perderam o poder político em boa medida o poder ideológico. Ficaram contudo com o poder económico, o mais forte de todos, como vimos já. Em face disto perguntamos: em Portugal há já uma verdadeira democracia? As medidas tomadas no actual processo revolucionário são os primeiros passos para esse regime.

DEMOCRACIA BURGUESA E DEMOCRACIA POPULAR

É necessário distinguirmos entre dois tipos de democracia: a democracia burguesa e a democracia popular.

Quando é que uma democracia é burguesa? Quando os burgueses (os capitalistas) estão no poder. E quando é que uma democracia é popular? Quando é o Povo que está no poder.

Uma democracia burguesa é só democracia de nome, de fachada. Há nela efectivamente algumas liberdades, as pessoas podem falar, reunir, associar-se, etc., mas também uma liberdade que mata em grande parte todas as demais que é a liberdade de o homem explorar o homem. Numa democracia burguesa os trabalhadores não têm autêntica liberdade pela simples razão de que não são os donos dos meios de produção (fábricas, terras, minas, etc.).

Já não sucede assim nas democracias populares onde o Povo é que está no poder. É precisamente o que ocorre na Hungria, na Polónia, na Checoslováquia, etc., onde são os trabalhadores que detêm simultaneamente o poder económico, político e ideológico.

DEMOCRACIA E SOCIALISMO

Que diferença há entre democracia e socialismo? Podemos dizer que uma verdadeira democracia é sempre um verdadeiro socialismo e vice-versa, um verdadeiro socialismo é sempre uma verdadeira democracia.

Tal como sucede com a democracia, hoje temos que referir dois tipos de socialismo: o socialismo burguês e o socialismo proletário.

Socialismo burguês é aquele que existe em certos países da Europa e que de socialismo só têm o nome. No fundo ele não se distingue muito da democracia burguesa, apenas lança um pouco mais de poeira nos olhos dos trabalhadores a fim de melhor ocultar a exploração capitalista.

Socialismo proletário é o mesmo que democracia popular. Há Socialismo proletário na União Soviética, na Hungria, na Alemanha Oriental, na Bulgária, em Cuba, etc. Nestes países a exploração do homem pelo homem acabou definitivamente e por essa razão o socialismo aí existente não é uma fachada.

SOCIALISMO E COMUNISMO

O socialismo proletário é a primeira fase do comunismo.

O que é que distingue o socialismo do comunismo? Podemos dizer assim: as riquezas no socialismo são distribuídas «a cada um segundo o seu trabalho»; no comunismo são distribuídas «a cada um segundo as suas necessidades».

Convém referir mais em pormenor estas duas fórmulas. Se aceitamos que as riquezas sejam distribuídas «a cada um segundo o seu trabalho» estamos a liquidar a possibilidade de haver quem viva à custa do trabalho dos outros, ou seja, a liquidar o capitalismo. Um regime no qual os trabalhadores recebem de acordo com aquilo que produzem é um regime justo e humano e conduz a uma maior produtividade no trabalho pelo incentivo que provoca. Criam-se assim as condições para construir sociedades de abundância onde os trabalhadores recebam já não de acordo com o que produzem mas sim de acordo com as suas necessidades. Esta será pois a sociedade comunista.

Muita gente não crê que haja possibilidades de se criarem sociedades comunistas. Afirmam que o homem é por natureza egoísta, que se acaso lhe dessem a possibilidade de ter as coisas de acordo com as suas necessidades não haveria produção capaz de satisfazê-las. Esta é uma ideia pessimista acerca da natureza do homem, em grande parte inculcada nas pessoas pelas várias religiões. Naturalmente que os homens vivendo em sociedade onde há regimes que consagram a exploração não poderão deixar de ter um espírito egoísta (salvaguarda-se as excepções, claro). Mas o mesmo já não sucede em regimes em que a exploração dos homens acabou, como é o caso das sociedades socialistas (de socialismo proletário).

No decorrer da construção do socialismo o homem educa-se a todos os níveis.

Um dos factores que mais contribuem para a sua educação é o próprio trabalho que ele passa a estimar em grau crescente. E quando esta estima pelo trabalho atingir o grau que hoje vemos existir em certos artistas, quando o trabalho constituir para cada trabalhador uma das maiores fontes de prazer, de realização humana, então entra-se no comunismo. Aí as riquezas serão abundantes e os trabalhadores estarão educados para não terem exigências absurdas, pois as suas necessidades nunca visarão o supérfluo mas sim o essencial.

LUCIDEZ EM FACE DA

REALIDADE NACIONAL

TRABALHO MILITANTE E

EXEMPLARMENTE

REVOLUCIONÁRIO

ASSIM VENCEREMOS

A REABILITAÇÃO e as Barreiras Burocráticas

Hoje voltamos a debruçar-nos sobre os deficientes mentais.

Não deve haver uma semana do mês em que não sejamos procurados por familiares de camaradas nossos que, a partir de certa altura, após o seu regresso da guerra colonial, começaram a sentir anomalias mentais.

É portanto frequente aparecer-nos deficientes deste tipo. É evidente que nesta altura, o deficiente, e no caso de mentais, vem a família deste, directamente ter com a Associação a fim de que esta lhe possa resolver o problema de resolução para o seu caso. Normalmente, o deficiente mental é internado. Para que isso se verifique, é necessário que um elemento desta Associação acompanhe estes deficientes que é normalmente feito através das urgências, no H.M.P. da Estrela.

Ora todo o militar que regressou ou regressa do Ultramar tem apenas 28 dias para se dirigir ao H.M.P. no caso de sentir alguma anomalia biológica. Por experiência, nós sabemos que não é ao fim de 28 dias que muitas doenças frutificam da raiz que embriou nas guerras coloniais.

É por vezes, ao fim de meses e até de anos, que algumas doenças surgem no indivíduo regressado de África.

Como o ex-militar tem apenas 28 dias para se dirigir ao H.M.P., é evidente que após esse período o indivíduo fica à mercê de quem o quiser aceitar para cura da doença surgida. Neste campo, é específico o doente mental, pois talvez pela natureza da própria doença, esta

vem a produzir efeitos após meses ou anos após o militar ter regressado do Ultramar.

Em face do que fica exposto, perguntamos qual a posição que já foi tomada a fim de dar resolução a tão grave problema. Evidentemente, nenhuma.

Ainda há bem pouco tempo, e agora estamos noutra campo de doença, quizemos internar um deficiente, cuja doença (tuberculose) chegou ao estado máximo de positividade (extorquir um pulmão) por culpa de um médico militar ao qual o deficiente se queixava e aquele lhe dizia que era reumático, debatemos com um médico de dia no Serviço de urgências que inclusivé só faltou mandar-nos embora à força deste serviço, porque muito delicadamente deu-nos a entender essa ideia.

Ora o deficiente que nós transportámos àquele serviço, ultimamente já nem sequer se levantava para ir à casa de banho, além de viver num cubículo que albergava ainda mais quatro pessoas (mulher e três filhos, estes de tenra idade). Por essa razão, achámos conveniente que essa situação tinha de ser resolvida e evidentemente através do H. M. P., uma vez que o doente saiu desse estado do serviço militar.

Por isso, a atitude com que fomos recebidos pelo médico de serviço nesse dia, leva-nos a crer que ainda muito existe para convencer-mos as barreiras burocráticas que alguns senhores levantam para complicar, em vez de simplificar, o sistema já por si bastante confuso.

Secção de Educação e Cultura

Como ficou expresso no nosso jornal de 14 de Fevereiro de 1975, estava prevista uma entrevista com o Ministro da Educação e Cultura, Ten. Cor. Rodrigues de Carvalho. Essa entrevista teve lugar em 20/3/75 às 16h 30m; a referida entrevista produziu o seu efeito, muito embora, do que foi delineado nessa entrevista, pouco se fez ainda, pois que, o referido Ministro foi substituído, o que daqui se depreende, que teremos de fazer novo contacto com aquele Ministério e agora com o Major José Emílio da Silva, novo Ministro da Educação e Cultura.

Achando proveitoso e, para um mais perfeito conhecimento dos Associados, entende esta Secção que deve transcrever o que foi solicitado ao Ministro da Educação, na entrevista do passado dia 20/3/75.

Solicitou-se:

1.º — Material didáctico com relevo para laboratório e projectores de slides.

2.º — Oficialização do ensino, ministrado na A.D.F.A. e respectivas Delegações e Subdelegações,

com possibilidade de colocação de Professores se possível em colaboração com o Ministério do Exército.

3.º — Realização dos exames na A.D.F.A. dado que o Deficiente é portador de deficiências motoras-sensitivas de membros superiores e psíquicas, o que logo e por si só, leva o deficiente a adquirir um carácter específico, o que implica a ampliação de horários de exame, impossível de se cumprir no oficialato normal, devido à rigidez do novo horário (apesar de se poder aplicar este horário com requerimento dirigido ao Ministro e sendo este deferido, na prática não tem resultado).

4.º — Elaboração dos pontos pelos próprios Professores este ano, com a presença de delegados do MEC.

5.º — Ampliação dos prazos concedidos ao abrigo da Lei Militar para a realização de exames, e abolição de exames de algumas disciplinas que se incompatibilizam com determinadas deficiências.

PONT ZER



Numa sociedade em mutação, como a Portuguesa, à medida que se verifica um avanço demarcadamente revolucionário, as forças conservadoras em presença, sentem-se atingidas e não conseguem controlar-se chegando ao ponto de assumirem laivos de esterismo quando em consciência se apercebem que a única força que têm não passa dos restos do obscurantismo político legado por 50 anos

PARA A HISTÓRIA DA ADFA

Um Ano na Revolução pela Reintegração

Comemorou-se no passado dia 14 um ano em que a ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS, entregou o seu primeiro comunicado à Junta de Salvação Nacional.

Um ano de luta pela Reabilitação e Reintegração do Deficiente na Sociedade como homem válido, capaz de desempenhar um trabalho justo e produtivo como os demais.

Infelizmente o deficiente ainda não é aceite nesse prisma, pois a sociedade continua por vezes a olhá-lo como um coitadinho, uns desgraçadinhos, não nos compreendem, e quando muitas vezes julgamos fazê-lo ofendem-nos ainda.

E enquanto assim for, a nossa luta será dura e infinita, até ao derrube definitivo das estruturas que ainda nos oprimem.

É preciso que o governo resolva o problema do deficiente a curto prazo, que não o deixe no monte à espera de vez, que pegue nele e

fosse alegre e construtivo.

Para tal, de manhã, realizou-se uma reunião de trabalhadores e associados desta instituição, no qual se focaram problemas associativos e a melhor forma de os resolver.

Da parte da tarde foi projectado um filme de longa metragem sob o título «Terra Prometida», sobre a revolução do Povo Chileno, que focava a luta do proletariado por uma vida digna, pela liberdade do homem, contra o capitalismo e o fascismo.

O QUE É A POLÍTICA?

DEMOCRACIA E POVO

Hoje, um ano após o derubamento da longa noite fascista, muita gente ainda pergunta o que é a democracia, o socialismo, o comunismo, etc.. Tentaremos dar uma breve ideia do que isso seja.

DEMOCRACIA significa um regime em que o Povo é que detém o poder político. O próprio significado da palavra quer dizer isso mesmo.

De facto, se dividirmos a palavra democracia nas duas palavras gregas que a constituem (demo cracia) vemos que demo significa povo e cracia significa poder. Mas dito isto é possível que ainda não fiquemos a saber bem o que significa a palavra Povo.

O que é o Povo? Será que todos os habitantes de Portugal pertencem ao Povo? Um operário, um camponês, um empregado de escritório, um empregado de comércio, etc., pertencem efectivamente ao Povo. Mas os capitalistas pertencem ao Povo? Claro que não, estes homens não são Povo, mas sim exploradores do Povo. A nosso ver também não pertencem ao Povo todas aquelas pessoas cujo trabalho consiste em oprimir e explorar os trabalhadores por conta de capita-

listas, ou seja, certos administradores, gerentes, encarregados, etc., que são verdadeiros lacaios dos exploradores.

Então o que é o Povo? Entendemos que só pertencem ao Povo aquelas pessoas que criam riquezas ou que para isso contribuem. Povo é portanto o conjunto dos trabalhadores de um país.

O PODER E A DEMOCRACIA

Agora que temos uma ideia do que é o Povo, já podemos entender melhor o que é a democracia. Isso evitará que sejamos enganados, perigo esse muito grande nos dias que correm em que quase toda a gente se diz democrática.

Portanto em que condições é que o Povo detém o poder, ou seja, em que condições é que há uma verdadeira democracia? Por exemplo haverá democracia (autêntica democracia) quando o povo não é o dono das riquezas que cria? Se o poder económico estiver nas mãos dos capitalistas, se forem eles a possuir as fábricas, as terras, as minas, os transportes, etc., acaso poderá haver um regime democrático? Claro que não. Sabemos que o poder económico é o mais forte, (Continua na pág. 5)



Panorâma da assistência no momento da representação duma peça de Teatro pelo Grupo Teatral Amador «TEMPORAL», da Casa do Povo de CORROIOS

o resolva de maneira que o deficiente tenha aquilo que pretende, REABILITAÇÃO E REINTEGRAÇÃO SOCIAL.

Conforme já foi referido o dia 14 de Maio de 1975, foi celebrado na Associação num ambiente de equipe de trabalho, onde todos nós contribuimos para que este dia

À noite foi representada uma peça de teatro pelo Grupo Teatral Amador «Temporal», da Casa do Povo de Corroios, que nos proporcionou momentos de boa disposição; seguidamente actuou o Grupo de Juventude Académica de Corroios que apresentou canções e jograis.



ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES
DAS
FORÇAS ARMADAS

Assinar o «ELO» significa estar de acordo com um conjunto de ideias e sobretudo apoiar os Deficientes na SUA LUTA

Recorte e envie para o JORNAL «ELO» — Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — LISBOA

QUEIRAM CONSIDERAR-ME ASSINANTE DO VOSSO JORNAL

NOME

MORADA

ANUAL 60\$00

SEMESTRAL 30\$00

Marque com um X no quadrado respectivo.

CARTA ABERTA AO DEFICIENTE .. «ENSINA-ME A PESCAR»..

Publicamos uma carta que nos foi enviada por um professor que lecciona nesta Associação.

«O título que vos ofereço é o «Términus» de um provérbio Chinês que diz, no seu completo: «Se vives um esfomeado à beira de um rio, não lhe dêis peixe; ensina-o a pescar»...

Não consigo nunca entrar na ADFA, sem pensar nesta máxima da sabedoria da velha China, como sendo o alerta que o coração me dá, para que continue na missão em que me empenhei de, de algum modo, contribuir para «ensinar a pescar» aqueles que de vós quiserem aprender.

Gostaria de ser melhor «pescador que existe para poder ensinar-vos mais e melhor»...

Há, no entanto, uma condição imprescindível para que eu possa cumprir o desígnio deste provér-

bio: a vossa vontade.

E quantas vezes a vossa vontade falta?

Reparai que eu não disse que algum de vós tivesse «má vontade». Disse apenas que a maioria de vós «não tem vontade».

É certo que não é fácil a tarefa do estudo e que as dificuldades aumentam tanto mais, quanto se é adulto e mais ainda, quando, para além do estudo, se passa o dia trabalhando numa actividade profissional quase sempre cansativa. Eu sei isso porque também o senti na própria pele.

Mas não é caso para desistir; para todos os problemas existe uma solução e, para o vosso, a solução está em vós, na persistência que tiverdes para acompanhar os tempos de aulas e para estudar após elas.

(Continua na pág. 2)